

**caminhada**

**TÍTULO:** Caminhada

**AUTOR:** Ovídio Martins

1.<sup>a</sup> Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1963

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.<sup>a</sup> Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.<sup>a</sup> edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2015

Depósito Legal: 378 496/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

OVÍDIO MARTINS

# **caminhada**

*LISBOA  
MCMLXII*

## COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

### SÉRIE LITERATURA

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
- N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luandino Vieira
- N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
- N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)
- N.º 5 — *Poemas de Circunstância*, de António Cardoso
- N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras*, de Costa Andrade
- N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima
- N.º 8 — *Poemas* de Agostinho Neto (1961)
- N.º 9 — *Poemas* de António Jacinto (1961)
- N.º 10 — *Poesia* de Alexandre Dáskalos (1961)
- N.º 11 — *Poesia Angolana*, de Tomaz Vieira da Cruz
- N.º 12 — *Diálogo*, de Henrique Abranches

### SÉRIE ETNOGRAFIA

- N.º 1 — *Cancioneiro Popular Angolano*, (subsídio) de Gonzaga Lambo.

*Para Meus Pais  
e  
Meus Irmãos*



## **não me aprisionem os gestos**

Não me aprisionem os gestos  
a criança ainda não desertou

Ainda sonho cavalgadas de estrelas  
e danças lúbricas de flores  
em madrugadas azuis  
e jardins suspensos de ouro  
e crianças aladas a brincar  
e gargalhadas de prata.

Não me aprisionem os gestos  
que o mar não cabe num dedal  
e meus gestos têm a sugestão do mar  
o mistério das ondas do mar  
a comunicabilidade do mar

Levem-me a Lógica  
fiquem com a Política  
roubem-me a Metafísica  
tirem-me a roupa  
e deixem-me morrer de fome

Porém não me aprisionem os gestos  
que uma ave sem asas não é ave

E que diria o meu eu-adulto  
ao meu eu-criança  
— o único afinal —  
que sabe viver em sonho e poesia?

Ah por favor  
não me aprisionem os gestos  
que a criança em mim não desertou ainda.



## o único impossível

*Para Baltazar Lopes*

Mordaças  
A um Poeta?

Loucura!

E por que não  
Fechar na mão uma estrela  
O Universo num dedal?  
Era mais fácil  
Engolir o mar  
Extinguir o brilho aos astros

Mordaças  
A um Poeta?

Absurdo!

E por que não  
Parar o vento

Travar todo o movimento?  
Era mais fácil deslocar montanhas  
com uma flor  
Desviar cursos de água  
com um sorriso

Mordaças  
A um Poeta?

Não me façam rir!...

Experimentem primeiro  
Deixar de respirar  
Ou rimar... mordaças  
Com Liberdade

## **flagelados do vento leste**

*Para Manuel Lopes poeta  
e romancista patricio*

Nós somos os flagelados do Vento-Leste!

A nosso favor  
não houve campanhas de solidariedade  
não se abriram os lares para nos abrigar  
e não houve braços estendidos fraternalmente  
para nós

Somos os flagelados do Vento-Leste!

O mar transmitiu-nos a sua perseverança  
Aprendemos com o vento a bailar na desgraça  
As cabras ensinaram-nos a comer pedras  
para não perecermos

Somos os flagelados do Vento-Leste!

Morremos e ressuscitamos todos os anos  
para desespero dos que nos impedem  
a caminhada

Teimosamente continuamos de pé  
num desafio aos deuses e aos homens  
E as estiagens já não nos metem medo  
porque descobrimos a origem das coisas  
(quando pudermos!...)

Somos os flagelados do Vento-Leste!

Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos  
E as vozes solidárias que temos sempre  
escutado

São apenas  
as vozes do mar  
que nos salgou o sangue  
as vozes do vento  
que nos entranhou o ritmo do equilíbrio  
e as vozes das nossas montanhas  
estranha e silenciosamente musicais

Nós somos os flagelados do Vento-Leste!

## **t u a a u s ê n c i a**

Paira no ar a tua ausência  
e nas coisas um sentido de inquietação  
Há em tudo uma inércia opressiva  
e vagamente uma ideia de silêncio  
Os homens parecem fantoches  
e as mulheres não as vejo  
a ideia de ti não me deixa vê-las  
Não consigo concentrar-me  
nervoso estou sempre a rodear o lápis  
e a olhar as escadas  
na esperança de te ver descer  
(Não há dúvida de que tenho uma necessidade  
absoluta de coisas belas)

e é por isso  
que sem ti  
meu espírito não atinge grandeza  
Tua presença ela só  
são sugestões de incitamento  
e é por isso que a cada instante

espero ver-te descer as escadas  
para trazeres ao meu nervosismo à minha  
desconcentração

o remédio eficaz  
da tua presença e beleza...

## **ignoto deo**

Há mil anos  
que silenciosamente te espero

Há mil anos  
que das esquinas do tempo  
ansiosamente te espreito

Há mil anos  
que no cadinho da vida  
forjei o metal raro do meu querer-te

Há mil anos!

E silenciosamente  
ansiosamente  
continuo a esperar-te  
sem um queixume  
pela demora da tua vinda  
na certeza de que ao chegares  
a nossa união  
será tão íntima  
que terá o mistério  
das alturas sem estrelas  
e a força  
dos vendavais vagabundos.

## recuperação

Ah! Os vestígios d'ouro  
que persegui no teu rastro  
E a lama  
com que me sujaste o corpo!  
A estrada  
não era suficientemente longa  
e teu coração  
estava deserto de estrelas  
Sombras!  
Desde então pairam sombras  
sobre mim  
em revoluções de agoiro  
E meu espírito tropeça  
em pedras de morte  
em tombos confusos  
de assemelhar-se a um bêbedo  
Cortinas de fogo  
num apagar-se de deuses  
Crepúsculo de medo  
em lágrimas  
contra mim



Teu sangue  
esqueceu-se de continuar vermelho  
e morreram para ti  
as auroras da vida  
Os vestígios d'ouro  
que persegui no teu rastro  
perderam o sol  
embrulharam-se na noite  
Chovam bençãos  
no meu coração de amanhã  
e risos  
e cantos  
nos lábios das madrugadas

## **s e c a**

Árvores  
de ramos arreganhados  
a pingarem suor e lágrimas  
Terra  
calcinada  
até à exaustão  
da angústia

Almas  
sideradas  
até o cerne  
das raízes

Árvores  
sem carne  
Terra  
de fogo  
Homens  
bloqueados  
(espantosamente bloqueados)

Irmãos  
no cataclismo  
    periódico  
da falta de água  
Já sem forças  
para mandarem  
    calar  
    o mar

## p o e m a

Cobrirei de beijos  
    teus olhos-anseios  
e desfraldarei minha bandeira  
Que voz me chama do fim da estrada  
Que luzes me acenam de mares que nem sei?  
Pairam no ar  
    certezas de batalhas  
— clarões quase —  
nos teus olhos  
    incendiados de vitórias  
Cobrirei de beijos  
    teus olhos-brasas  
e te oferecerei um barco  
    berço de canções salgadas  
onde o mar e as vagas  
    soluçarão mistérios  
Que voz me chama do fim da estrada  
Que luzes me acenam de mares que nem sei?  
Minha bandeira és tu!  
E da dádiva dos teus lábios  
e da promessa do teu corpo  
    brotarão raízes líricas  
que me conduzirão ao triunfo

## poema salgado

Eu nasci na ponta-de-praia  
Por isso trago dentro de mim  
    todos os mares do mundo

Meu correio são as ondas  
que me trazem e levam  
recados e segredos

E meus bilhetes  
(meus bilhetinhos de saudade)  
são suspiros salgados  
que as sereias recolhem  
da crista das ondas

Nas conchas e búzios  
de todos os mares do mundo  
ficaram encerradas  
minhas canções de amor

Que eu nasci na ponta-de-praia  
Por isso trago dentro de mim  
    todos os mares do mundo

## comunhão

Fecha os olhos moça  
e deixa vaguear o espírito pelas ondas  
O mar te dirá  
aos teus ouvidos de encantada  
não uma canção qualquer  
mas a canção  
— a única —  
que jamais será repetida  
Fecha os olhos moça  
e deixa que o espírito das águas  
se irmane com o teu  
até que sintas na boca  
o sabor a algas e a espuma  
Fecha os olhos moça  
e deixa-te estar assim  
                                  nesse sonho de embalar  
em que o vaivém do mar  
é o mensageiro ideal  
                                  das tuas esperanças  
(e das tuas angústias moça)  
O rochedo ao lado  
                                  olha-te com espanto

no terror sem remédio  
de te ver petrificada  
mesmo que o perfume das sereias  
de todos os mares  
cubram teu corpo  
escaldante de miragens  
Fecha os olhos moça  
e deixa que eu te contemple assim  
na tua pureza de sal...

## l a b i r i n t o

Eu ainda era noite  
e já sonhava madrugadas  
Eu ainda era inverno  
e já sonhava primaveras  
Eu ainda era botão  
e já sonhava flores

Este todo o meu drama!

E se eu me perdi  
porque de mim me parti  
à procura de mais-além

de que vale então viver  
Se indo com os outros me atraso  
Se buscando ir mais além me perco!?



## **anti-evasão**

*Ao camarada poeta  
João Vário*

Pedirei  
Suplicarei  
Chorarei

Não vou para Pasárgada

Atirar-me-ei ao chão  
e prenderei nas mãos convulsas  
ervas e pedras de sangue

Não vou para Pasárgada

Gritarei  
Berrarei  
Matarei

Não vou para Pasárgada

## **voz patrícia**

Sei lá de onde me chega  
esta voz marítima  
esmagada de contornos  
Em que meandros de sal  
te perderam  
voz minha  
bloqueada até o ultraje?  
Voz minha  
voz de mar  
portadora de segredos  
renovadora de certezas  
Num dia lúcido  
que não vem longe  
meu coração  
se abrirá em estrelas  
para receber  
tua pureza

E terás a força  
das coisas libertas!

## da vida e da morte dos teus beijos

Se a morte tem que vir nos teus beijos  
Que venha mas devagar  
Também eu sei andar  
Sobre carvões acesos — meus desejos  
Que não é morte é vida  
A morte assim vivida  
Sorver até à renúncia  
O vinho puro do teu corpo nu  
Morro em ti  
Dás-me vida para retardar a morte  
E se vivo a morte cada instante  
Nos beijos letais da tua boca  
É que é vida a morte que me trazes  
E é morte a vida que me ofertas

## **pedido de perdão divino**

Quando na noite de cansaço  
o homem berrou  
e o braço armou  
(não quis mais ser palhaço)  
Deus não se comoveu

Quando na noite sem estrelas  
a mulher uivou  
da dor que a levou  
do pobre catre sem velas  
Deus não se mexeu

Mas quando na noite de fome  
a criancinha gemeu  
e empalideceu  
desesperos sem nome

Deus  
não quis mais ser Deus  
Humildemente  
desceu à terra  
e pediu perdão  
aos homens de Sua criação...

## **brinquedo de luxo**

Esperar meu amanhã  
no acordar de cada manhã  
é meu brinquedo de luxo  
Por enquanto apenas  
segreda-me baixinho  
                    uma certeza  
E agarro-me aos sonhos  
                    e pedaços de madrugadas  
na angústia do até-que-enfim!  
Chovem estrelas em minha alma  
                    saudosa de novas auroras  
Choram luas atraíçoadas  
                    das carícias prostituídas  
Ó novo canto  
                    na boca dos poetas  
ó única certeza  
                    no coração dos humildes  
Nosso brinquedo de luxo  
                    é já a gargalhada  
                            dos homens livres  
a derramar-se  
                    por todos os cantos da terra

## **n o s t a l g i a**

É qualquer coisa lá do fundo das gerações  
que te faz assim dançar  
mulher de Cabo Verde  
Qualquer coisa que te segreda  
comovidamente  
segredos de séculos

nos sons extintos  
de bárbaras melopeias  
que ficaram pairando

E abres os olhos  
(espantada)

E apuras os ouvidos  
(espantada)

E recuas o corpo  
(espantada)

— teu espanto nostálgico!... —

## teus olhos

Nunca serão teus olhos  
uma concha esvaziada  
Para lá do mistério  
do seu brilho superficial  
há sempre uma saudade-de-mar  
a murmurar-lhe nas entranhas  
E quando um dia  
já não pudessem imitar  
as estrelas  
e os horizontes de sargaços  
nada mais dissessem  
às tuas pupilas  
não seriam ainda teus olhos  
uma concha esvaziada:  
a saudade-de-mar  
que lhe murmura nas entranhas  
viraria a pouco e pouco  
esse anseio líquido  
numa canção de chuva

## **no romper de 1958**

Eu hei-de estrangular os soluços  
num dia de espanto  
e soltarei as âncoras  
— todas as âncoras —  
Eu hei-de transformar o pranto  
em carícias de vida  
e soltarei os barcos  
— todos os barcos —  
E de olhos no futuro  
serenamente  
solicitarei ao mar  
o presente da sua constância  
nas ilhas salgadas  
de seu amor  
nas ondas salgadas  
de minha esperança



## a palavra que eu não disse

Não te disse  
a palavra libertadora  
E o desespero  
desenhou-se na tua face  
o sorriso  
não encontrou teus lábios  
a esperança  
desertou teus olhos  
Deixei-te  
com tua fraqueza  
e não dei  
apoio às tuas lágrimas

...a estrela escorreu-te dos dedos...

Ó meu coração  
que esqueceste o caminho  
que levava ao porto  
ó espírito meu  
que perdeste o contacto  
com a boa estrada  
Bastava a palavra libertadora  
mas minha boca se fechou

...e a estrela escorreu-te dos dedos...

Possa teu perdão impossível  
servir a minha reabilitação

## uma manhã prometeu-me

Há um grito de vida  
na manhã que surge  
                    triunfante  
da sua luta com a noite  
E na criança que brinca  
o sorriso  
    é um arranque para o futuro  
Aquele menina que passa  
                    leva nos olhos  
                            o esplendor de quem  
marcou encontro à felicidade  
E até aquele cachorrinho  
a correr feito maluco  
atrás da bola de meia  
é uma certeza no dia  
                    que desponta  
Só em mim há tristeza  
uma tristeza líquida  
de coqueiros à beira-mar  
e de botes varados nas praias  
indiferentes ao luar...  
uma saudade povoada

de tamareiras e acácias  
e de velas acenando  
de dentro da baía  
Mas arredo para longe  
a melancolia  
e sorrio para a mensagem  
desta manhã promissora:  
a de uma manhã diferente  
em que a estiagem e a fome  
serão más recordações  
e os soluços dos abandonados  
nas furnas solitárias  
e o cansaço dos vagabundos  
nas estradas sem dono  
e a voz rouca de aguardente  
dos operários desempregados  
não serão mais que contos de fadas  
para meter menino medo

e em que não haverá  
tanta garganta ressequida  
no meio de tanta água...

## **minha dor**

Sonho  
com a manhã clara  
    de teus seios  
e rendo-me humilde  
diante da verdade  
    do teu corpo nu  
Idear-te  
é ofertar-me carícias proibidas  
ir beber feito outro  
    na fonte longínqua  
    da minha dor

E minha dor é teu silêncio!...

## a noite de ouro

Na noite de ouro  
    o Poeta cantou  
Pegou no violão  
    e monologou uma morna  
à beira do mar

Na noite de ouro  
    o Poeta amou  
Uma mulata descalça  
    com jeito de rainha  
de um reino perdido  
    criou a poesia necessária

Na noite de ouro  
    o Poeta chorou  
Chorou os sonhos  
    que o mar lhe não trouxe  
Chorou a vida  
    que a mulata lhe não deu  
Chorou o poema  
    que não chegou a escrever

## **desafio**

Zomba da morte  
quando dobrares a esquina  
Há uma nota musical  
    no teu gesto  
Distribui e liberta-te!  
Fontes te esperam puras  
para o mergulho baptismal  
Ao dobrares a esquina  
alça a voz e canta!

## **p o e m a**

Tua boca  
é uma ideia de fruto  
colhido nos ramos de um vendaval  
e nós dois iremos  
    num sonho de pétalas  
descobrir o mar  
    das luzes perdidas  
Te amarei  
    mornamente  
numa paisagem  
    de coqueiros  
e te deporei gloriosa  
à sombra de bananeiras  
Teu corpo  
é fruto sonhado  
num barco de folhas  
    dentro da baía  
e nós dois iremos  
    em leito de ondas  
descobrir a praia  
    das noites luarentas

## descoberta

Vou só  
mas forte  
pela estrada segura  
do meu silêncio  
É que desabaram sobre mim  
as chuvas de oiro  
da tua mensagem incorpórea  
ó meu silêncio redimido!  
Não amigo agora não  
não me interrompas  
em meu olhar para dentro de mim  
neste meu acto de purificação  
Outro dia sim  
solicitarei  
e aceitarei  
a tua ajuda  
mas hoje tem paciência...  
Que descobri  
a força silenciosa  
do meu examinar-me  
na estrada segura  
do meu silêncio  
na estrada larga  
da minha purificação



## para além do desespero

*Para Carlos Alberto  
Monteiro Leite*

Para além do desespero...

Apenas a criança  
Numa paisagem de nada  
A sua boca não ri  
(Nunca soube

    Que uma boca de criança  
    Foi feita para rir)

Os seus olhos não choram  
(Não há lágrimas para além do desespero)

Os seus pés  
Não correm atrás de borboletas  
E as suas mãos  
Não abrem covas na areia  
(Não há borboletas nem areia  
    Numa paisagem de nada)

Para além do desespero...

Também minha revolta  
Com cadeados nos pulsos

## **d e s e s p e r a n ç a**

*Cinco séculos depois  
do  
achamento de Cabo Verde*

Sol ou mar  
Chuva ou música  
Sejas tu uma cadência  
ou uma noite que se perdeu  
Traz nos teus braços  
a distância  
que nos separa  
do sonho impossível  
Olhos cheios de secas  
e de oceanos  
Cheios de mornas  
e de pouco milho  
As promessas viraram cansaço  
e já nem as luas acreditam  
Sol ou mar  
Chuva ou música  
Para vós as glórias do achamento  
Para nós os sonhos em ampulhetas

## porquê?

Por que seria  
que tua face  
resplandeceu  
com uma ideia de lua  
quando teu sorriso  
recusou a noite?

Por que seria  
que eu te sonhei  
ainda mais que sonho  
quando teu gesto  
feriu as trevas?

Por que seria  
essa aurora de flores  
quando teu corpo  
atravessou  
essa noite de punhais?

## chuva em cabo verde

Choveu

Festa na terra  
Festa nas Ilhas  
Soluçam os violinos choram os violões  
nos dedos rápidos dos tocadores  
«Dança morena  
dança mulata  
menininha sabe como vocês não tem»  
E elas sabinhas  
dão co'as cadeiras  
dão co'as cadeiras

Choveu

Festa na terra  
Festa nas Ilhas  
Já tem milho pa cachupa  
Já tem milho pa cuscus

Nas ruas nos terreiros  
por toda banda  
as mornas unem os pares  
nos bailes nacionais  
Mornas e sambas  
mornas e marchas  
mornas mornadas

Choveu

Festa na terra  
Festa nas Ilhas  
que cantam e dançam  
e riem e choram de contentamento  
Soluçam os violinos choram os violões  
nos dedos rápidos dos tocadores  
«Dança morena  
dança mulata  
menininha sabe como vocês não tem»  
E elas sabinhas  
dão co'as cadeiras  
dão co'as cadeiras  
dão co'as cadeiras

**in memoriam de Belarmino  
de nhô Talef**

Na hora derradeira  
Amigo  
melhor vislumbrarei  
a intenção oculta de teus passos  
e a grandeza da tua estrela  
superará todos os brilhos possíveis  
Na hora derradeira  
— ó companheiro desaparecido! —  
escutarei o lamento das ondas  
que sobre ti se fecharam  
quando tentavas escapar à morte  
(Que no teu caminho sem regresso  
— última etapa da tua estrada de angústias —  
não te foi permitido fixar os pés  
na terra da promessa)  
Na hora derradeira  
— ó irmão sepultado nos mares da Argentina! —  
pedirei um lugarzinho ao pé de ti  
para ouvir da tua boca  
envoltas em névoa  
as palavras de desespero  
pela luta travada em vão

# CAMINHO DA PERDIÇÃO





## **caminho longe**

Caminho longe....

Caminho obrigado  
caminho trilhado  
nos braços da fome

Caminho sem nome  
caminho de mar  
um violão a chorar

Caminho traidor  
caminho da dor  
ó lenta agonia

Caminho sem dia  
caminho sem fé  
Roças de S. Tomé

Caminho longe...

## al e r t a

Cuidado Companheiro  
não te percas nos acenos da Terra-Longe  
Terra-Longe tem roça  
Roça tem desespero  
Que as ilusões de fartura da Terra-Longe  
não prendam teus passos  
E sobretudo Companheiro sobretudo  
não deixes que te impinjam  
a mentira do contrato  
Não há Terra-Longe  
que valha as lágrimas do teu remorso  
E nenhuma Terra-Longe  
comporá de novo  
os destroços do teu mundo ultrajado  
Cuidado Companheiro cuidado  
Vira a cabeça para o lado  
e deixa perderem-se no mar  
os acenos suspeitos  
Terra-Longe tem roça  
Roça tem desespero  
E nunca mais Companheiro  
nunca mais permitas  
que os teus sonhos sejam escarnecidos

## **serviçal**

Tu vais e eu fico  
mas nos acordes do teu violão  
    há a morna que perdura  
Meu e teu  
    é o poema que soluças  
de olhos fixos no mar  
Nem tua  
    nem minha  
é esta culpa  
    esta traição  
ao sonho que se esvai  
à esperança que não torna

## consolança

Ah nha'rmon  
tchá ága correbe pa cara bóxe  
tchá ága liviobe coração  
Roça traiçoobe na bo certeza  
'l robobe saúde  
robobe ligria  
robobe cretcheu  
so'l ca robobe bo violão  
pa bo podê fcá c'bo tristeza  
Ah nhá'rmon  
tchá ága correbe pa cara bóxe  
tchá ága liviobe coração  
Planta pê na bo terra  
c'dor ô c'prazer  
c'tchuva ô c'sol quente  
(Bo terra ê quê bo terra!)

E 'gora  
cantáme 'li baxin  
na tchore de bo violão  
bo morte na terra-longe  
Sem saúde  
Sem ligria

Sem cretcheu  
Ah nha'rmon  
tchá ága correbe pa cara bóxe  
tchá ága liviobe coração...

## **c a n t a   a m i g o**

Canta Amigo

canta

Deixa que se espraie

no teu coração dorido

a morna que acalenta

Canta Amigo

canta

No fundo da senzala

não tens melhor companheiro

que a dor e uma canção

Canta Amigo

canta

Mas evita que o teu canto

sejam lágrimas sem remédio

Tua terra deixas

num soluço

e num soluço a recordas

Tuas lágrimas na Terra-Longe

têm que ser de esperança

Canta Amigo  
canta  
e põe no teu canto  
o encanto  
de qualquer crioula

## **voltarás serviçal**

Bendito sejas  
serviçal caboverdiano  
que teimas em ver  
para além da prisão  
Sabes bem  
que para lá dos teus olhos  
há a terra de Cabo-Verde  
que espera por ti  
Se tu cantas  
é que ainda te abraça  
    a esperança  
e não morreu dentro de ti  
o desejo de matar a morte  
Bendito sejas  
serviçal caboverdiano  
Não deixes que tuas pálpebras  
amorteçam na dor  
É preciso enrijá-las  
para o dia do regresso  
Que voltarás  
não numa manhã de nevoeiro  
de morbidez alquebrada



mas num dia de sol quente  
ébrio de saudade  
da terra que ficou  
sedento do perdão  
da terra que entregaste  
sòzinha quase nas mãos dos Cains

## **a noite de s.tomé**

O mar já não se reflecte  
nos nossos olhos  
e as canções morreram  
nas gargantas

Há a noite de S. Tomé...

Os violões já não soluçam  
confissões de amor  
e os crecheus não trocam beijos  
nas madrugadas

Há a noite de S. Tomé...

e homens vendidos que partem  
e bocas com fome atraíoadas

As mornas já não aconchegam  
a gente crioula  
e as juras de amor  
têm um sabor a blasfémia

Há a noite de S. Tomé

e homens que partem para a morte  
a confirmar uma vez mais  
a história de Abel e de Caim

## **e m i g r a ç ã o**

Silêncio Caboverdianos!

Choram irmãos nossos  
nas roças de S. Tomé

E há perigos e ameaças  
na noite  
grávida de punhais

Prepara o braço  
serviçal!

Dos olhos do poeta  
rolam lágrimas  
cor de sangue

## queixume

Tu minha terra  
    dá-me dedos novos  
    para dedilhar a lira quebrada  
e dá-me um espírito novo  
    para apreciar a estrela que se apagou  
Roubaram meu brinquedo  
    meu brinquedo mais rico  
aquele que sempre trouxera  
    no mais fundo de mim  
Depois disseram-me  
    que era para meu bem  
mas eu sei que não é verdade  
Dondê a esperança  
    que animava meu espírito  
    nos momentos de crise  
Dondê a esperança  
    que me dava forças  
    nos anos de seca  
Roubaram meu brinquedo  
(deixaram-me sem nada)

Dá-me minha terra  
dá-me dedos novos  
para dedilhar a lira quebrada  
e dá-me um espírito novo  
para apreciar a estrela que se apagou

CAMIN CRIOL





## **l i b e r d a d e**

Vente sabiá más fôrte  
mar exaltá  
monte spriguiçá

Spia Cab'verde ta argui  
cretcheu  
spiá bô torpe ta arri

Sol lumiá más clore  
Lua de nôte desmaiá  
e 'tê tchuva tchuvê

Spia Cab'verde ta argui  
cretcheu  
da'l bô torpe ta arri

Morna v'rá más sabe  
dança más pertóde  
nês dia de Liberdade

Spia Cab'verde ta argui  
cretcheu  
e nós coração ta arri

## **n ô s m ô r t e**

Quem ê q'morrê  
qond quel navio  
desaparecê  
na mar de canal?

Nós tude marrê um c'zinha

Quem ê q'morrê  
qond quel bôte  
tcheu de pêscador  
perdê na nôte?

Nós tude marrê um c'zinha

E quel carta de lute  
quem ê q'morrê  
qond tchgá noticia  
de Son T'mê

Nós tude marrê um c'zinha

## h o r a

Hora tita tchgá  
nhas gente

Hora d'alvantá  
quel mon  
de cendê  
quel luz  
de gritá  
quel grite  
que sô nôs sabê

Hora tita tchgá  
nhas gente.

## **n ô ta bá junte**

Bô ca devê parceme assim  
flor squiva ta tchorá bo sina  
Bô devê bem c'bô coração contente  
lua ta saltá na bos oi de mofina

Vida ê curte pa nó leva'l c'tristeza  
e tchôre ca ta 'jdône subi subida  
Camin ê longe cretcheu, camin ê longe  
abrimo bôs broce pa nó ganhá vida

Ah cretcheu, ó c'ma és camin ê longe  
ma c'nôs 'ligria e nós morabeza  
nô ta bá junte p'ês 'strada fora  
mon na mon c'amor e c'certeza

## **cantá nha Pove**

Canta nha Pove  
cantá vitória  
que ja bô t'ta sperá  
sem inda bô oial

Cantá

dia que ta mata nôte  
'ligria que ta mata tristeza  
midje que ta mata fôme  
tchuva que ta mata sede

Cantá nha Pove  
abri bôs broce pa Liberdade  
e bêjal moda um cretcheu

## **c r e t c h e u**

Calá, ca bô tchôra más  
'n ta tróbe um morninha  
que ta dobe 'ligria e paz  
que ta pobe sorrise na boca  
    Calá ca bô tchora más  
    nha amor ê forte carditá  
    e nha violão ê más doce  
    q'cónte de seréna ta pintiá  
    Calá ca bô tchora más  
    bô ê morna morna ê bô  
    e s'm perdebe mi era capaz  
    de perdê tine perdê nha vida.

## **u m s p a d a n a m o n**

Cobri-me nha terra  
btá-me bô sombra de cima  
'm ta lvantá dia que for  
qond bô mestê de mim

Corpe q'ê froque  
ta joelhá depressa  
Spirte q'ê forte  
ca tem midida

Cobri-me nha terra  
btá-me bô sombra de cima  
má pô-me um spada na mon  
pa dia qu'm alvantá.

## **sone tranquil**

Dormi bô sone  
tranquil  
nês folha de bananêra  
Tchá tempe passá  
sem hora  
Tchá hora passá  
sem relôge  
E qond bô cordá  
ca bô squecê  
qu'm gardóbe bô sone  
bô sone tranquil  
nês folha de bananêra



## **c o m p a r a ç ã o n**

Bejôde um vez  
ca ta squecide  
Boca de cretcheu  
rosa cindide

Assim ê Liberdade  
cunchide êl  
ca grade ôte côsa  
ê moda mel

## **brincadêra**

Nôte sem strela  
Dor de cretcheu  
Dia de sol  
Amor más tcheu

Farol na mar  
Luz de nha vida  
Navio na terra  
Matáme corrida

Bô boca ê sabe  
moda goiaba  
cabode de trá de  
    goiabêra  
Bôs oi ê monse  
moda nôs mar  
num nôte clore  
    de lua cheia

## conciência

Tonte faca por riba  
tonte faca por bóxe  
corpe ta cansóde  
j'al ca podê más

Tranquilidade  
na hora de certeza  
trazême cretcheu  
confiança na nôs terra

Tonte faca por riba  
tonte faca por bóxe  
corpe qrê fichá  
j'al ca podê más

Spirte forçode  
na dstine que nô qrê  
sem mêde de môrte  
que môrte ja nô tem

## ' n s a b ê l a !

'N sabê la  
se qzê bô ta pensá  
qond vente ta passá  
ta bem caime na coraçon!

'N sabê la  
se qzê q'm ta pensá  
ta spiá pa mar  
ta bá falóbe na coraçon!

'N sabê la  
s'algum fada marcá  
c'sê varinha de condon  
dstine de nôs coraçon!

## um r'bêra pa mar

Tem um r'bêra ta corrê pa mar...

R'bêra sem ága

má tcheu de dor e raiva

de desuspêre e agonia

El ta tcheu de speranza inganóde

e de promessa inolóde na fume

Tem um r'bêra ta corrê pa mar

R'bêra sem ága

ma'l tem sangue

Sangue daquês que marrê na terra-longe

na traboi scróve

Sangue daquês q'caí de rotcha

pa ca marrê de fôme

Sangue d'irmon que matá irmon

pa inganá és dstine de séca

dstine qu'ês marróne

má dstine que nó ca qrê

Tem um r'bêra ta corrê pa mar...

## **dstine**

És bô cabêl cumpride  
és dos oi de bossa  
és boquinha doce

Onte

nha tristeza

Hoje

nha trublagon

nha môrte

hm dêa dia

## **m o r a b e z a**

'M tá gostá de bô ser  
um spêce de porte d'abrigue  
Qond tempôral b'tasse mim  
dum conte pa ote

'm tá tem certéza  
na bô morabéza:

dôs bróce quente pa quecême  
dôs oi monse pa serenóme  
e um boca doce pa calentóme

